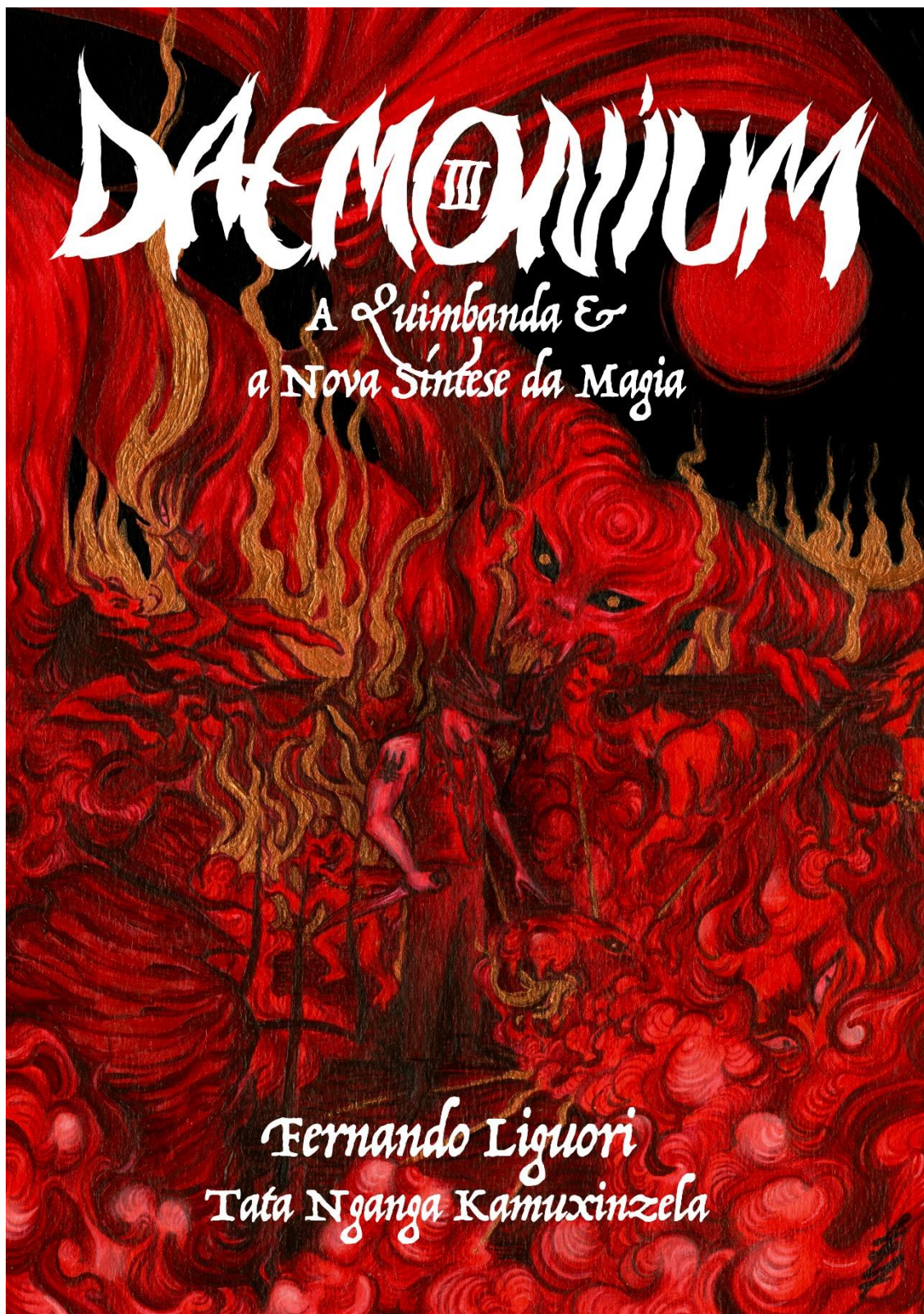


DAEMONIUM

A Quimbanda E
a Nova Síntese da Magia

Fernando Liguori
Tata Nganga Kamuxinzela





TÁTA NGANGA KIMBANDA KAMUXINZELA
FEITIÇARIA TRADICIONAL BRASILEIRA

QUIMBANDA GOÉCIA

CARTOGRAFIA CELESTE

DA SÉRIE: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA¹

O presente estudo dá continuidade ao esforço iniciado em *DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA* (2024) e aprofundado em *WANGA: O SEGREDO DO DIABO* (2024), reafirmando que nenhuma família de Quimbanda anterior à *Cova de Cipriano Feiticeiro* se debruçou sistematicamente sobre a teologia noturna da Quimbanda como derivada do *GRIMORIUM VERUM*, tampouco sobre sua articulação com os sistemas astrológicos e teúrgicos herdados da Antiguidade e reelaborados na magia cerimonial moderna. O primeiro ensaio desta série expôs o lugar da Quimbanda na *goêteia*, o segundo examinou sua teologia noturna; a presente investigação propõe uma cartografia espiritual em que as 28 Mansões Lunares e as 15 Estrelas Behenianas se tornam chaves operativas de um calendário de poder, modulando e amplificando a atuação dos Gangas da Quimbanda.²

A tradição das Mansões Lunares, de raízes helenísticas mas consolidada na astronomia árabe e persa, subdivide a órbita lunar em vinte e oito tronos dotados de atributos próprios. Quando integrada à matriz da goécia do *GRIMORIUM VERUM*, essa estrutura permite associar cada mansão a uma *inteligência terrestre* e, no contexto da Quimbanda, a um Exu ou Pombagira, segundo a estrutura estabelecida por Fontenelle em 1950. Não se trata de mera correspondência simbólica: a maré lunar atua como moduladora das forças invocadas, enquanto as Estrelas Behenianas funcionam como pontos fixos de condensação planetária, coroando a mansão com potência estável. A *teologia noturna* da Quimbanda deixa, assim, de ser improvisado inspiro e se afirma como estratégia cósmica, na qual o *kimbanda* navega as marés celestes com precisão matemática e intenção teológica.

Essa construção encontra paralelos diretos nos rituais preservados nos *PAPIROS MÁGICOS GREGOS* (PGM),³ que, segundo Hans Dieter Betz (1931),⁴ remontam aos

¹ A Série *A Quimbanda & a Nova Síntese da Magia* são ensaios que orbitam o livro *DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA* (Clube de Autores, 2024), e tratam da *incursão diabólica* no Brasil, da qual deriva a *Quimbanda Goécia* em um processo de integração entre a demonologia europeia e a feitiçaria banto-ameríndia.

² Para contextualização veja Jake Stratton-Kent. *CYPRIAN'S OFFICES OF SPIRITS: THE TERRESTRIAL INTELLIGENCER*. Hadean Press, 2024. Jake Stratton-Kent. *PANDEMONIUM: A DISCORDANT CONCORDANCE OF DIVERSE SPIRIT CATALOGUES*. Hadean Press, 2016. Jake Stratton-Kent, Jake. *THE TRUE GRIMOIRE*. Scarlet Imprint, 2009. Jake Stratton-Kent. *GEOSOPHIA: THE ARGO OF MAGIC*. Vols. 1 e 2. Scarlet Imprint, 2010.

³ Os *PAPIROS MÁGICOS GREGOS* (*Papyri Graecae Magicae*, abreviados como PGM) constituem um extenso corpus de manuscritos mágicos datados aproximadamente entre os Séculos II a.E.C. e V d.E.C., descobertos sobretudo no Egito e redigidos em grego, demótico e, ocasionalmente, em latim e copta. Publicados criticamente por Karl Preisendanz em 1928–1931, e revisados em edições posteriores, esses textos reúnem fórmulas, encantamentos, rituais e invocações que combinam elementos das tradições egípcia, grega, judaica e mesopotâmica. Sua estrutura frequentemente integra práticas teúrgicas, astrologia, magia talismânica, necromancia e invocações a divindades sincréticas como Hécate, Hermes, Ísis e Serápis. Na interpretação de Hans Dieter Betz, organizador da edição inglesa de referência (*THE GREEK MAGICAL PAPYRI IN TRANSLATION*, 1986), muitos desses rituais se enquadram na tradição dos Mistérios e apresentam claras sequências de *katábasis* (descida ritual ao mundo inferior), servindo como fontes primárias para o estudo das intersecções entre religião, magia e filosofia no Mediterrâneo tardio.

⁴ Hans Dieter Betz é um biblista e teólogo germano-americano de destaque, especializado no *NOVO TESTAMENTO* e no cristianismo primitivo. Formou-se em teologia nas universidades de Bethel, Mainz (doutorado em 1957 e

Sécs. III–IV e apresentam inequívoca estrutura de catábase. Entre eles, um rito dedicado a Hécate e aos Dáctilos Idaicos — envolvendo descida a grutas e atuação em encruzilhadas — articula gestos protetivos, identificação com a deidade ctoniana e uso de símbolos lunares dispostos em séries de 28, sugerindo correspondência com as Mansões Lunares. Tal como demonstrado em WANGA, onde a *goêteia* é apresentada como fusão de técnicas necromânticas, oraculares e astrológicas, esses rituais revelam uma teologia na qual a deidade lunar-panteísta governa tanto as marés celestes quanto as travessias infernais.

A dinâmica desse processo, como já demonstrei, decorre de um sincretismo operativo pelo qual os Gangas assimilaram e reconfiguraram, em chave própria, a estrutura simbólica e as virtudes mágicas das correspondências astrais do GRIMORIUM VERUM. Ao fundir as propriedades siderais às funções consolidadas dos Gangas, cria-se uma rede de ressonância que multiplica as possibilidades de intervenção mágica, ajustando-as às marés temporais e ancestrais. O campo dessa integração é composto pelos três éteres sublunares reconhecidos nas tradições mágicas do Mundo Antigo: o ctoniano, que rege as potências do Submundo e as forças ancestrais; o telúrico, que atua na materialidade densa; e o aéreo (ou astral), que governa a transmissão e manipulação de formas-pensamento e influxos espirituais no espaço intermediário. Na *teologia noturna* da Quimbanda, esses planos se interpenetram, permitindo ao operador atuar simultaneamente sobre forças infernais, terrestres e astrais — tal como na tradição dos PGM, onde a manipulação ritual do submundo se dá à luz de uma cartografia celeste.

As Estrelas Behenianas — um grupo de quinze estrelas fixas — ocupam lugar central na tradição da astrologia mágica medieval. Herdadas da astronomia árabe e persa e incorporadas aos grimórios europeus, eram vistas como pontos de condensação da virtude celeste, atuando como *raízes* de forças planetárias puras. Cada uma possui correspondências próprias de pedras, plantas e símbolos, destinados a servir de condutores e selos de sua influência. No entendimento dos astrólogos e magistas, quando o curso da Lua se alinha a uma dessas estrelas e a sua mansão lunar correspondente, o efeito é como se o trono da Lua fosse coroado por uma joia imutável no firmamento — momento em que a energia estelar se derrama com potência máxima sobre o mundo sublunar.

Essa concepção, presente em obras como o PICATRIX, conferia às Estrelas Behenianas um papel ritual preciso: talismãs eram confeccionados em momentos calculados, unindo a posição da estrela, a dignidade planetária e as propriedades naturais de seus correspondentes minerais e vegetais. Assim, a prática não se limitava à observação astronômica, mas articulava uma verdadeira tecnologia mágica, na qual o céu, a terra e a arte do magista se entrelaçavam para fixar, selar e dirigir influências cósmicas específicas em benefício do operador ou do propósito encantatório.

Ao inserir as Mansões Lunares na cartografia espiritual da Quimbanda, é inevitável perceber o paralelismo com a *dikenga* da cultura religiosa banto e que configura o pano de fundo cosmológico da Quimbanda — o diagrama cosmológico em cruz, representando o ciclo da vida, da morte e do renascimento, articulado aos quatro pontos cardeais e às transições liminares do dia e da noite. Assim como a *dikenga* organiza o tempo e o espaço sagrado em quatro quadrantes, as 28 Mansões

habilitação em 1966) e Cambridge, tendo atuado como pastor reformado antes de emigrar para os Estados Unidos em 1963. Lecionou no Claremont Graduate School até 1978, quando foi nomeado Shailer Mathews Professor of New Testament na Divinity School da University of Chicago, posição que ocupou até tornar-se professor emérito em 2000. Autor de obras influentes, consolidou-se como referência internacional na exegese paulina, na interpretação da ética cristã e no estudo do contexto greco-romano do cristianismo.

constituem uma divisão mais minuciosa do percurso lunar, onde cada estação representa uma *morada* de forças espirituais específicas.

Na perspectiva teológica da Quimbanda como transmitida pela *Cova de Cipriano Feiticeiro*, essa sobreposição não é mero artifício simbólico, mas a manifestação de um mesmo princípio universal: o de que todo ciclo — seja o da lua, seja o da vida e morte — é sustentado por pontos de poder (*kalunga*, encruzilhadas etc.) que regulam a passagem das forças. A integração entre as Mansões Lunares e a *dikenga* permite uma leitura banto-ocidental na qual Exus e Pombagiras são simultaneamente guardiões de um calendário astral e operadores do trânsito entre mundos.

A tabela a seguir apresenta a classificação e codificação sistematizadas por Fontenelle, associando os Gangas não apenas aos espíritos do GRIMORIUM VERUM, mas também às Mansões Lunares, às Estrelas Behenianas e aos atributos mágicos que emergem dessas correspondências. Trata-se de um modelo integrativo, no qual a astrologia helenística, medieval e a engenharia mágica da Quimbanda se entrelaçam, oferecendo ao operador um esquema funcional para a seleção e ativação de potências espirituais específicas.

Mansão	Graus Zodiacais	Grimorium Verum	Quimbanda	Atributos Mágicos
1	0° Áries	Lúcifer	Exu Lúcifer	Início absoluto, ruptura de amarras, ignição de processos
2	12° Áries	Satanachia	Exu Marabó	Comando, disciplina, estratégia
3	25° Áries	Agaliarept	Exu Mangueira	Comunicação oculta, redes de influência
4	8° Touro	Tarchimache	Exu Tranca-Ruas	Controle de passagens, defesa territorial
5	21° Touro – Algol/Plêiades	Fleruty	Exu Tiriri	Tempestade, revelação e ruptura
6	4° Gêmeos – Aldebaran	Beelzebuth	Exu Mor	Combate espiritual, liderança marcial
7	17° Gêmeos – Capella	Sargatanas	Exu Veludo	Espionagem, infiltração invisível
8	0° Câncer	Nebiros	Exu dos Rios	Purificação e contaminação espiritual
9	12° Câncer – <i>Sirius</i>	Ashtaroth	Exu Rei das Sete Encruzilhadas	Conhecimento oculto, revelações profundas
10	25° Câncer – Procyon	Scirlin	Exu Calunga	Mensageiro rápido entre planos
11	8° Leão	Claunech	Exu da Pedra Negra	Riqueza e dissolução de alianças
12	21° Leão – Regulus	Musisin	Exu da Capa Preta	Honra, supremacia mágica
13	4° Virgem – Alkaid	Bechaud	Exu dos Ventos	Controle e dispersão de forças
14	17° Virgem	Frimost	Exu Quebra-Galho	Atração, sedução, contratos
15	0° Libra – Gienah	Klepoth	Pombagira Rainha da Praia	Encantamento, glamour
16	12° Libra – Spica/Arcturus	Khil	Exu Sete Cachoeiras	Fertilidade, bênçãos, proteção
17	25° Libra	Mersilde	Exu das Sete Cruzes	Quebra de feitiços
18	8° Escorpião – Alphecca	Clistheret	Exu Tronqueira	Disfarces espirituais

Mansão	Graus Zodiacais	Grimorium Verum	Quimbanda	Atributos Mágicos
19	21° Escorpião – Antares	Sirchade	Exu Sete Poeiras	Proteção contra inimigos ocultos
20	4° Sagitário	Hiepack	Exu das Matas	Emboscadas espirituais
21	17° Sagitário	Humots	Exu das Sete Pedras	Fixação e estabilidade mágica
22	0° Capricórnio	Segal	Exu Gira-Mundo	Movimentação entre reinos espirituais
23	12° Capricórnio – Vega	Frucissiere	Exu dos Cemitérios	Necromancia
24	25° Capricórnio	Guland	Exu Morcego	Enfermidades, enfraquecimento inimigos
25	8° Aquário	Surgat	Exu das Sete Portas	Abertura de caminhos
26	21° Aquário – Deneb Algedi	Morail	Exu da Sombra	Ocultamento e proteção estratégica
27	4° Peixes	Frutimier	Exu Tranca-Tudo	Bloqueio total
28	17° Peixes	Huictigaras	Exu Marabá	Domínio sobre tempestades espirituais

Como demonstrado nos ensaios introdutórios desta série, tal estrutura — ainda que minuciosa — não deve ser compreendida como fixa ou definitiva, mas como um arcabouço sugestivo. Na prática, o *diabo pessoal* de cada Exu pode variar conforme as determinações astrais registradas na Carta Natal do *kimbanda*, permitindo ajustes dinâmicos que alinham a natureza do espírito ao perfil mágico e ao destino do operador.

Diferentemente da goécia salomônica do LEMEGETON, onde cada espírito é convocado individualmente, a goécia do GRIMORIUM VERUM admite — e até estimula — a evocação simultânea de dois ou três espíritos (podendo ser mais, segundo certos autores), sempre sob a autoridade de Lúcifer ou dos Três Chefes Infernais. Essa mecânica é transposta para a *Quimbanda Goécia*, onde o *diabo pessoal* é corporificado na matéria em nome dos Maiores da Quimbanda (Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth), permanecendo sob a tutela de um Espírito Ganga. Assim como Ornias — o *diabo tutelar* de Salomão em O TESTAMENTO DE SALOMÃO — o conectava aos demais espíritos catalogados no livro, do mesmo modo, por meio do *diabo pessoal* do Exu, é possível colocar outros espíritos do grimório sob sua órbita, convertendo-os em espíritos servidores para fins operativos específicos.

Nesse sentido, a inclusão das Estrelas Behenianas na tabela não é mero acréscimo erudito, mas a chave para um verdadeiro *mapa de ativação astromágico* da rede de espíritos vinculada ao *diabo pessoal* do Exu. Cada estrela, ao ser alinhada à sua mansão lunar e ao Ganga correspondente, funciona como um ponto de condensação de virtude celeste que alimenta e qualifica o comando infernal exercido pelo Chefe Império Maioral, o Diabo, e delegado ao Exu. Assim, a operação mágica não se limita à invocação direta, mas se desdobra numa arquitetura complexa onde as forças estelares e infernais se interpenetram, permitindo que os servidores do grimório sejam mobilizados com precisão temporal e energética, segundo os desígnios do operador e as necessidades do culto.

CONCLUSÃO

Tenho plena ciência de que a matéria aqui exposta não se presta ao consumo rápido nem ao entendimento superficial. A *teologia noturna* da Quimbanda, articulada a

uma cartografia celeste que integra Mansões Lunares, Estrelas Behenianas e a mecânica operativa do GRIMORIUM VERUM, constitui um saber reservado, fruto de iniciação, transmissão e prática continuada. Seu vocabulário técnico, sua cosmologia híbrida e sua aplicação ritualística exigem que o leitor seja mais do que um curioso: requer-se nele a condição de *kimbanda* ou, ao menos, de aspirante consciente da seriedade do ofício. Por isso, não me preocupa — antes, me tranquiliza — o fato de que muitos nada compreenderão. A Quimbanda não é, nem jamais será, um caminho para todos: é uma arte perigosa, soberana e seletiva, cuja entrada não se negocia.

No contexto da *nova síntese da magia*, tal como delineada em DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA (2024), a Quimbanda ocupa um lugar axial. Esta síntese não é colagem arbitrária de símbolos, mas integração sistêmica de tradições que, embora distantes no tempo e no espaço, compartilham fundamentos ontológicos e operativos. Assim como a teurgia platônica funde filosofia e rito, ou como a magia astrológica árabe funde cálculo e invocação, a *nova síntese da magia* é uma engenharia espiritual que se serve de todas as ferramentas legítimas para reconstituir a magia como *ciência sacra*. Neste corpo, a Quimbanda opera como vértebra ctoniana, unindo o trabalho com espíritos infernais à leitura das marés celestes, e projetando-os no plano telúrico com força transformadora.

A Quimbanda é também catalisadora desta síntese. Ao assimilar a matriz estrutural dos grimórios europeus — sem se reduzir a eles — e conjugar esta matriz com a cosmologia banto, a dicotomia ancestral do céu e da terra é reconfigurada como diálogo constante entre reinos. Aqui, a convocação de um Exu é também uma operação estelar, a convocação de uma Pombagira é igualmente uma maré lunar, e o despacho ritual é, por natureza, um ato de geografia sagrada. Na prática, isto significa que cada ato mágico pode ser calibrado segundo calendários celestes, pontos cardeais e a rede de potências mágicas do GRIMORIUM VERUM, num sistema de altíssima precisão.

Por isso, situo a Quimbanda como o *Ocultismo brasileiro* em sua forma mais madura, e como a *goécia brasileira* por excelência ctoniana e nigromântica. Sua raiz é a arte universal de operar com espíritos — não a forma degenerada de espiritismo popular, mas a *goêteia* plena, informada por uma cosmologia e uma prática que a tornam única no mundo. É tradição e é criação, é ciência e é arte, é herdeira e inovadora. É filha legítima das encruzilhadas, que caminha com um pé no firmamento e outro nas profundezas, não reconhecendo fronteiras senão aquelas que ela mesma estabelece.

Esse é o ápice da cultura de goécia da tradição cipriânica, um *axis mundi* entre Céu e Inferno.

Táta Nganga Kamuxinzela
Cova de Cipriano Feiticeiro

APÊNDICE DE ESTUDO

INTEGRAÇÃO DA ASTROLOGIA HELENÍSTICA À CARTOGRAFIA CELESTE DA QUIMBANDA GOÉCIA

A integração dos elementos da astrologia helenística à estrutura já desenvolvida para a *Quimbanda Goécia* revela-se não apenas possível, mas naturalmente harmônica. Na formulação aqui adotada, a cartografia celeste da Quimbanda articula três camadas fundamentais: i. os ciclos temporais, representados pelas 28 Mansões Lunares, que modulam as forças em seu trânsito; ii. os pontos fixos de condensação, representados pelas 15 Estrelas Behenianas, que fixam a virtude planetária; e iii. as inteligências terrestres do GRIMORIUM VERUM com seus respectivos Exus e Pombagiras como derivados da síntese de Fontenelle, e que constituem o eixo hierárquico da operação. A astrologia helenística oferece um terceiro eixo — angular e espacial — por meio do sistema das doze casas (*topoi*), que estabelece a geografia terrestre dessas influências, funcionando como o *plano angular* onde as forças celestes encontram sua projeção concreta no destino (*heimarmene*) e na sorte (*tyche*) do operador ou do alvo.

Essa tríplice articulação pode ser descrita da seguinte forma:

- *Eixo Temporal*: 28 Mansões Lunares (modulação) + 15 Estrelas Behenianas (fixação de virtude planetária).
- *Eixo Hierárquico*: Inteligências terrestres do GRIMORIUM VERUM e seus Exus/Pombagiras correspondentes.
- *Eixo Angular*: 12 Casas (*topoi*) da astrologia helenística como zonas de manifestação concreta, oferecendo um mapa espacial para a atuação mágica.

Tal configuração dialoga diretamente com o que foi desenvolvido em WANGA: O SEGREDO DO DIABO (2024), onde a gênese catabática da *goêteia* é reafirmada. No sistema helenístico, cada *topos* é um *lugar* real da vida, associado a circunstâncias e potências específicas, incluindo zonas de descida e prova: Casa IV (*Hypogeion*), relacionada ao subterrâneo e às raízes; Casa VIII (*Thanatos*), relacionada à morte e transformação; Casa VI (*Kakē Tyche*) e Casa XII (*Kakos Daimōn*), ambas associadas a provas, infortúnio e combates espirituais. Essas casas funcionam como pontos angulares de catábase e travessia, em analogia ao rito descrito nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS em honra a Hécate e aos Dáctilos Idaicos, onde o percurso ritual envolve descida, enfrentamento e retorno.⁵ A inclusão dos *topoi* oferece, portanto, uma linguagem angular para mapear não apenas quando e com quais forças trabalhar, mas também onde, no mapa do destino, a operação deve se manifestar.

No mundo helenístico, o sistema das doze casas — medido a partir do horizonte e organizado pelo método de signos inteiros (*whole sign houses*) — era concebido como um esquema de setores objetivos de manifestação da sorte e do destino. Cada casa possuía nome, regente e função específicos, sendo considerada um portal para a materialização das potências celestes no plano sublunar. Ao contrário das interpretações psicológicas modernas, que tendem a subjetivar o significado das casas, a concepção antiga era eminentemente concreta e operativa.

Integrada à *teologia noturna* da Quimbanda, essa estrutura acrescenta uma dimensão angular à cartografia espiritual: as 28 Mansões regulam o fluxo temporal

⁵ LXX. 4-25.

das forças, as 15 Estrelas Behenianas fixam pontos de potência imutável, e os 12 *topoi* definem a área de incidência e qualidade da manifestação mágica. Assim, Casas IV e VIII tornam-se âncoras para trabalhos de necromancia e regeneração pelo rito da morte; Casas VI e XII são tratadas como encruzilhadas infernais de combate e provação; enquanto Casas IX (*Theos*) e XI (*Agathos Daimōn*) funcionam como portais para invocações luminosas e alianças espirituais.

Ao articular de forma coordenada Mansões, Estrelas e Casas, a *Quimbanda Goécia* deixa de apenas *ler* o céu como calendário ou mapa simbólico, passando a utilizá-lo como um verdadeiro *templo angular*. Nesse templo, cada operação mágica é posicionada com precisão no tempo, no espaço e na hierarquia espiritual, realizando plenamente a fórmula da *goêteia*: descer, manipular e retornar com poder.

Táta Nganga Kamuxinzela
Cova de Cipriano Feiticeiro

